

FUNDAÇÃO ESCOLA DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO
MARCELO DE SOUZA LOBO

Trabalho Temático apresentado às disciplinas
do Segundo Semestre de 2018, relativo à obra
Acre, de Lucrecia Zappi.

Um anjo de pedra

Uma peça preta de dominó repousa contra a janela. Lembrei de quando era bem pequeno, que eu não percebia que cada peça era diferente. Brincava com elas postas em pé, uma atrás da outra, formando uma trilha pelo chão do quarto. Nem todas elas caíam. Algumas resistiam, isoladas. (ZAPPI, 2017, p.203)

Estamos na região central de São Paulo, mas o que predomina é o fogo-fátuo emanado pelos significados da palavra que delimita o lugar de um Estado brasileiro, da região norte, tão distante e despercebido pelos habitantes da metrópole e do bairro da Vila Buarque, a saber, Acre. “A bandeira do Acre que parece uma pista de skate com uma estrela no alto, à esquerda. Rio verde, é isso. Dizem que *akir* quer dizer dormir.” (id, p.173). Também, palavra utilizada para medição, “[...] uma unidade de medida vaga do inglês antigo, usado para medir campos lavrados. Um acre, dois acres.” (id, p.123); e ainda, “[...] no Mediterrâneo, era uma das cidades mais antigas

do mundo, com um jardim encantado e uns calabouços.” (id, p.173). Segundo o Dicionário Priberam da Língua Portuguesa (em linha, 2008-2013), é aquilo que é

[...] agudo, pontiagudo, penetrante, picante, ardente. 1. Cujo sabor é amargo, picante e corrosivo. 2. Cujo cheiro é forte e ativo. 3. Que mostra amargura. 4. [Figurado] que pode ferir e irritar. 5. Qualidade do que é amargo, corrosivo ou muito ativo no sabor ou no cheiro.

Esses tantos significados para tal significante turva nossa visão e embaraça nossa compreensão, a respeito do que pode estar a vir no interior de um livro com esse nome. Talvez, tenha sido esse o sentido que Lucrecia Zappi tenha tentado estabelecer ao nomear esse seu segundo romance: um lugar permeado pela névoa, pela corrosão, pelo cheiro forte, por aquilo que fere, que marca, pela mácula, pelo sabor amargo e pela medida limitada de cada um. Sua narrativa é seca, o enredo flui em descompasso com o tempo, caminha em idas e vindas, entre lembranças e fatos cotidianos do presente; uma narrativa que marca um tempo, o tempo de Marcela e, porventura, também o de nossa contemporaneidade. Um “tempo-lugar” representado por uma forma de existência que se esconde das vidas presentes da cidade, através de muros e grades, com porteiros e seguranças armados. Um lugar, um não lugar. A falta de sentido e a busca permanente pelo jardim encantado. O calabouço está sempre à espreita, figura através dos fragmentos do cotidiano, do convívio incômodo com as pessoas, da marca de um passado não esquecido, da esperança na fuga, da incerteza, do desconforto, do não lugar e de um sentimento constante de inadequação e de não pertencimento. Eis o fogo-fátuo delineado por Lucrecia em *Acre*. Na tentativa de tatear os contornos desenhados por Zappi, procuremos adentrar nesse fogo-fátuo, mais precisamente à procura de Marcela, personagem limitada pela Fortuna, presa no calabouço, tentando a todo custo escapar. Ela grita, “[...] acariciando a cruz de ouro que levava no peito [...]” (id, p.71), debruçada sobre a janela cujo vidro registra as marcas deixadas pelas digitais de seus dedos; imóvel, no silêncio do apartamento cujas luzes estão apagadas.

No centro de São Paulo, aos arredores da região da República e da Consolação, no bairro da Vila Buarque, Marcela e Oscar levam uma vida típica de classe média paulistana. Oscar ocupa seus dias atrás de um balcão da loja de luminária herdada do pai. Participa das reuniões do condomínio, mantém uma relação cordial com os vizinhos e passa as noites a estar ao lado de Marcela,

tentado “adivinhar seus pensamentos, mesmo que fisgasse apenas aqueles desejos mais simples, ao alcance das minhas mãos.” (id, p.11). Marcela, dona do restaurante Kidelicia, que “[...] em oito anos de existência, [...] se tornara o almoço por quilo mais popular da região.” (id, p.137), preenchia o final dos seus dias comendo sucrilhos, com os pés cruzados apoiados na mesinha em frente ao sofá, assistindo algo na tevê. Estavam reformando o apartamento onde moravam há onze anos. Antes, haviam morado numa quitinete, na praça Roosevelt, durante dezoito anos, após terem vindos de Santos casados. Um casal como tantos outros, disputando a cada dia o direito de marcar o seu lugar diante dos deveres tácitos que limitam, a tantos, o desejo de fazer o “sinteco crepitar até no escuro.” (id, p.7). A vida de ambos é alterada com a chegada de Nelson, um antigo conhecido dos dois. Em meados de 1987-88, ainda quando eram adolescentes, resolveu Fortuna que se conhecessem em Santos. Nelson foi namorado de Marcela, nessa época. Havia até fugido por aproximadamente três meses, após a morte de seu ex-namorado Washington, um acerto de contas, envolvido com o tráfico de drogas da região. Sua aparição, como novo morador do apartamento ao lado, filho da vizinha dona Vera, é envolta em mistérios. Ele parece deslocado, em fuga. Vem do Acre, após ter saído de Santos e por lá ter arrumado sua vida em meio a atividades clandestinas de comércio de madeira ilegal. Arrumou desafetos e rumou para São Paulo, retornando ao seu lugar de infância, fugindo do perigo que o espreitava por lá. Oscar, então, rememora acontecimentos da época de Santos, seu conflito com Nelson, sua paixão por Marcela, e é afetado pelo ciúme. A fuga de Marcela e Nelson nunca foi bem explicada, Oscar não compreendia o porquê de terem feito aquilo. Essa imagem, contornada de mistério, retorna agora com a vinda de Nelson, revelando um lugar submerso em que Oscar mergulha e é conduzido por um redemoinho de ciúmes, de incertezas, de uma insegurança de perder o seu limite, o seu tão penosamente construído lugar ao lado de Marcela, no apartamento 9A, no edifício Atlas do Trapézio Imperial, na Vila Buarque. A vida pacata de ambos é afetada. Os demais moradores do prédio também sofrem essa influência externa. O mundo do lado de fora chegara ao interior do prédio. Nelson chega inesperadamente à casa da mãe. Caminha pelos arredores do bairro. Vê moradores de rua a vasculhar os sacos de lixo, travestis vendendo momentos de prazer inócuo, justiceiros a higienizar os lugares lúgubres, uma cidade cinza onde pessoas apressadas frequentam, entre

outros, um restaurante de nome Sujinho. O porteiro Décio, homossexual, também está no lado de fora, conhece Nelson de quando era pequeno. É o lugar do encontro entre esses dois horizontes, o do lado de fora e o interno. Esse é o mote desenhado por Zappi, afetado por horizontes estreitos e escuros e pelo acaso dos acontecimentos.

Nós, também, como leitores vagando por esse horizonte angustiante, somos levados a desenhar uma imagem de Marcela por meio da visão de Oscar. É por meio de seu olhar que enxergamos e percebemos a presença de Marcela em sua vida. Oscar casou-se com Marcela quando ainda eram jovens. Marcela havia ficado grávida de Oscar e por insistência de sua mãe resolveram se unir e começar a vida em São Paulo. Quando saíram de Santos, Marcela já havia perdido o bebê, estava no quinto mês de gestação. Não haviam planejado a gravidez, claro, ainda eram jovens, estavam apenas curtindo o momento; talvez, por isso, “[...] não houve exatamente sentimento de perda entre nós [...]” (id, p.125), nos conta Oscar. Marcela gostava de ficar sentada na bancada da cozinha americana, alisando o granito, com as luzes apagadas. Costumava redesenhar a sobrancelha com o polegar sempre que algum acontecimento a inquietava, expressando, no gesto, uma dor do não lugar, da dificuldade em lidar com o imprevisto e o incômodo. Há certas passagens que marcam: “Marcela contornou a sobrancelha com o polegar, abarcando no gesto a dor de cabeça diante do inesperado e o cansaço do fim do dia.” (id, p.8), passagem em que Marcela conta a Oscar o encontro com Nelson no elevador; ou quando falam a respeito das dívidas da dona Vera, que em comum acordo, decidiram quitar, em troca da outra parte do apartamento em que ela morava: “Não fossem as contas da vizinha, estaríamos um pouco mais folgados de dinheiro, observou Marcela. [...] Marcela redesenhou a sobrancelha com o polegar. Olhou para a frente, determinada a não cooperar.” (id, p.14); e, na observação silenciosa de Oscar quando Marcela contava as andanças de Nelson pelo Acre, no bar do Sujinho: “Pois é, se o dia todo já devia ser uma dor de cabeça pra ela, imagina agora. As idas e vindas pela casa, abrindo porta por porta pra ajudar a arejar um pouco o pensamento. Marcela refez o contorno da sobrancelha direita com o polegar.” (id, p.153). Pequenos gestos que preenchiam a sua vida cotidiana. Eram estes pequenos fragmentos que molduravam o seu lugar, a sua presença diante das pessoas e o convívio aprisionado com ela mesma.

[...] Marcela abriu a cortina e falou olhando para a rua. Abancada na janela, debruçou-se mais ainda, segurando-se na cortina, com uma mão apoiada no vidro. (...) Ela reteve o brim branco pesado, descobrindo o vidro sujo do outro canto da janela. Estava cheio de marcas de dedos. [...] Suas marcas digitais eram um indício de que a vista a distraía, como se a cidade ainda fosse estrangeira para ela, mesmo quase trinta anos depois de ter se mudado para São Paulo. (id, p.72)

Uma caiçara, que após quase trinta anos, poderia se passar tranquilamente por uma paulistana. Sempre apressada e atarefada, “Do tipo que se orienta pela memória mais recente.” (id, p.12). Todavia, o excesso de pessoas a incomodava. Fechava os olhos, contraída, sempre que o elevador estava repleto de gente até chegar ao seu andar. Sua relação com os vizinhos era de uma distância calculada. Tinha certa repugnância por Adriano, o síndico e médico infectologista, que gostava de higienizar o seu espaço cuja medida figurava entre o interior do prédio e os arredores do bairro, um lugar bem delimitado à sua tarefa. Não gostava de dona Vera. Incomodava sua presença no Kidelicia, sempre a estorvar os clientes com sua presença. “Gente, ela come olhando pras pessoas, incomoda. Você não liga porque quem toca isso aqui sou eu. É minha clientela.” (id, p.43). Às vezes, queixava-se que se não fosse o trato feito com dona Vera, em quitar “[...] as dívidas dos seus dois cartões de crédito, além do condomínio que ela não pagava havia anos, tudo em troca do apartamento.” (id, p.14), suas contas não estariam tão apertadas. Contudo, talvez, o que mais lhe incomodasse e lhe trouxesse um enorme desconforto, era a condição solitária de dona Vera que figurasse, talvez, um lugar do qual quisesse fugir. Aos olhos de Oscar, dona “Vera era o próprio olhar esfomeado da solidão [...]” (id, p.42). Marcela vivia só com sua pobre mãe. Entretanto, talvez não compartilhasse de sua companhia; o seu lugar de filha fora destituído para o lugar de namorada “[...] mais linda, fria e indiferente.” (id, p.33), de fugitiva e de abandonada, talvez por ela mesma. Oscar nos conta que, ao Marcela engravidar, sua mãe até se sentiu aliviada em cogitar o recomeço da vida da filha, na cidade grande, casada. Durante um tempo, sua mãe subia a Imigrantes para limpar seu apartamento, e agora, as marcas de dedos se acumulam no vidro da janela. Não há mais menção de sua mãe em todo o romance. Qual o lugar que habita sua mãe? O horizonte de Marcela é extenso, cheio de veredas. A luz do sol a incomoda, entretanto, tem medo do escuro e, mesmo assim, pede para que Oscar não acenda

a luz do abajur, na primeira noite em que ficaram juntos. “[...] as coisas mudam de forma no escuro.” (id, p.76). A mudança figura como a possibilidade de ultrapassar o horizonte estreito e escuro, talvez fosse isso que ela esperasse. Nelson aparece do nada, é o novo morador do condomínio. O passado surge e um novo lugar se torna possível. Ela quer, mas há o limite, há o dever, há o Oscar. Esse é o limite do seu sertão. O preconceito também limita o seu lugar. Numa assembleia de condomínio em que a pauta era a dispensa do porteiro Décio, Marcela demonstra sua antipatia para com ele: “Acho que ele deveria ir embora, falou. Não gosto do jeito dele, sempre simpatizando com qualquer pessoa, falando o tempo todo. Inconveniente.” (id, p.103). Não gostava do seu jeito, de suas manias. “Nada de mais, mas um porteiro tricotando um cachecol. Nada a ver, né? [...] É esquisito.” (id, p.104). No entanto, confirmara o voto de Oscar para que ele ficasse. Décio era homossexual, era extrovertido, conversava com todos, afugentava os mendigos que ficavam rodeando o prédio, mas levava comida a eles, quando podia, criando até desafetos com dona Vera. Estava a trabalhar como porteiro do prédio há muitos anos, desde que Nelson ainda era pequeno. Décio já havia estabelecido o seu lugar. O seu limite era ali. Era esta sua conquista. Marcela, talvez, notasse isso e, para ela, Décio representasse um espelho às avessas, revelando o seu não lugar.

Marcela ajudava sua mãe na loja de roupas em Santos. Tinha dezessete anos, namorava Washington, primo de Nelson, mas já saía às escondidas com ele. Oscar a viu pela primeira vez, na praia, pouco antes de desmaiar após uma briga com Nelson. “[...] moça morena, de olhos escuros [...]” (idem, p.31), “O castanho nos olhos esverdeados de Marcela ficou mais forte.” (id, p.149), levemente puxados, “os mesmos olhos rasgados de antes” (id, p.32), de cabelo liso, solto e comprido que “[...] cobria os ombros encolhidos.” (id, p.71). “[...] admirava-me a capacidade que ela tinha de desprender a peça só com os dois dedos, fazendo saltar de uma vez os peitos pequenos, pontudos e delicados.” (id, p.127). Trazia consigo uma cruz de ouro, “[...] esquecida no peito [...]” (id, p.12), que “[...] lhe dava um sentido de direção. [...] É como os quatro pontos cardeais.” (id, p.12). Oscar ouvira dizer que Marcela tivera que deixar de estudar e que sua vida, em Santos, se limitava a loja de roupas de sua mãe e sua relação com Washington. A vinda de Nelson a Santos alongava o horizonte de Marcela, possibilitando que seu lugar delimitado abarcasse outros espaços. “Só Marcela não tinha medo de encostar nele. Riam dizendo que só

a troca de olhares entre os dois já era contagiosa. Eu sentia repulsa ao pensar que ela roçava aquela pele [...]” (id, p.48). Após a morte de Washington, Marcela foge com Nelson, fica desaparecida por aproximadamente três meses. “Era sexta-feira, primeira noite do Carnaval de 1988. “[...] quando passou uma moça que me lembrou Marcela. [...] Marcela! [...] A moça virou, ficou parada um segundo e depois disse meu nome. Era ela.” (id, p.115). Oscar nunca compreendera o porquê de Marcela ter sumido com Nelson naquela noite, naquele mesmo dia em que, com Bakitéria, haviam passado o dia juntos, numa ilha paradisíaca. Marcela dizia que não se recordava do que havia se passado durante o tempo em que ficara sumida. Não havia lugar para dizer onde ela estava. O tempo também estivera marcado por um lugar não contabilizado. Houve a fuga, contudo o fato nunca pode ser rememorado por ela, por quê? Que lembranças poderiam vir à tona, que laços poderiam ser relembrados, que lugar era este que ela teimava em esquecer? Nuanças que delimitavam seu incômodo e desconforto com o seu horizonte.

Da mesma forma que Marcela fora embora de Santos, voltou sem dizer nada. Era de manhã. Tinha perdido a memória, anunciou a mãe na tevê. Talvez porque o trauma da morte do namorado tivesse sido muito grande, a repórter não conseguiu arrancar nada da jovem, Marcela ficou acariciando a cruz de ouro que levava no peito, alheia à câmera. (id, p.71)

Oscar lembra que desde a época em que conhecera Marcela, sempre fora “silenciosa e arisca.” (id, p.124). Não se dava bem em lugares fechados, não levava muito jeito para conversas longas e descontraídas, dessas tipo quando dividimos o espaço do elevador com um vizinho que está a subir ou a descer. “Não vou vitimizar minha mulher por ser uma caiçara em São Paulo, nada disso, mas Marcela sempre foi meio selvagem.” (id, p.125), nos diz Oscar. Fugidia, avessas às pessoas, vivia pelos cantos de sua rotina. Havia aprendido a cozinhar assistindo programas de culinária na tevê. Começou fazendo alguns quitutes em casa. Logo se propôs a vender “[...] empadinhas, sanduíches naturais e brigadeirões [...]” (id, p.127), fato que rendeu mais grana do que seu rendimento como balconista no shopping. Mais tarde, começou a vender marmitta para os vizinhos, depois contratou duas cozinheiras e abriu o restaurante. O Kideliccia, restaurante conhecido da região já há oito anos, era a representação mais exata do lugar que Marcela destinou a si mesma. Oscar nos relembra que dispunha de todo esforço para aquele trabalho;

prezava pela riqueza de pormenores, pelo cuidado com a comida, que aliás não entrava no cardápio do Kidelicia sem antes passar pela degustação de Oscar. Quem era Marcela quando estava submersa no Kidelicia? O seu não lugar era a construção de um lugar imaginário, era uma “[...] combinação básica de três pratos feitos, os famosos PF do bar da esquina de casa.” (id, p.137). Sua rotina era delimitada pelo Kidelicia e o apartamento 9A do Prédio Atlas do Trapézio Imperial. Diante do desconforto e do incômodo que os acontecimentos que escapavam de sua rotina lhe causavam, Marcela desviava o olhar, tomava um banho quente, passava talco nas axilas, pegava um saquinho de salgadinhos, sentava-se com as pernas cruzadas sobre a mesinha e ligava a tevê, “Na televisão passava desenho animado e eu nunca sabia se ela queria que mudasse de canal.” (id, p.127). Oscar sentia que Marcela estava numa espécie de transição, o que talvez, reafirmasse seu isolamento. Tinha esperanças que ela se adaptaria com o tempo, Oscar chegou a comentar certa vez com seu pai. Parecia que estava sempre em uma sensação de desconforto nos lugares onde transitava. Percorria o caminho de ida para o trabalho e de volta para casa, “[...] era uma figura solitária que não se encaixava. [...] Sentava na cama mantendo os ombros ligeiramente curvados para a frente e, no rosto pálido, o olhar infeccioso.” (id, p.127). Marcela recomeçava o dia, como tantos outros, marcados por um acontecimento qualquer que conduzisse a outro de mesma importância. Um movimento conduzido pela inércia de fatos cotidianos, corriqueiros, que dessem uma sensação de continuidade não delineada, sem contornos e referências, sem lugares fixados para onde ir. “Marcela gostava simplesmente de dormir. E eu comecei a apreciar a importância do seu sono.” (id, p.126).

Lucrecia descreve um mundo fechado em si mesmo, na figura de Marcela. Mas não só limitada a ela. Os moradores daquele prédio de classe média paulistana são pessoas que habitam uma cidade marcada pela sujeira das ruas, pela violência que aflige quem está fora e dentro do condomínio e pelo incômodo das pessoas que perturbam seus olhares: o porteiro homossexual; os travestis que dão voltas em torno da praça, em busca de trocados por um prazer fugaz; os mendigos que se estendem nas calçadas e importunam com suas presenças os que estão fazendo suas refeições nos restaurantes e bares da região; um boliviano que aparece inesperadamente numa festa de aniversário. Marcela é constantemente violentada pela presença incômoda das pessoas, pela sensação de inadequação, pelas dores

de um passado não revivido, resignado e ressentido, pelas incertezas e pela esperança na mudança que nunca chega e que quando se aproxima, desaparece no dever das banalidades do cotidiano. Os detalhes, as minúcias dos gestos, das ações corriqueiras e sem importância marcam a procura por um lugar. A roda da Fortuna gira, limita o tempo e o espaço de cada um, emoldura nossos lugares e delimita nossa presença na vida. A inércia nos conduz a girar permanentemente, ora limitando-nos a figurar no lugar de cima, ora de cabeça para baixo, no lugar de baixo. Não há como escapar, é algo cíclico. Entretanto, há o não lugar, o qual Marcela procurou tatear durante todo o romance. Eis a sua fuga da Fortuna, a fuga de si mesma ou, ao menos, um ensaio... O seu distanciamento dos lugares, o sentimento de incômodo com as pessoas e a sua inadaptabilidade permitiram que imaginasse seu próprio mundo, numa tentativa de escapar do quinhão destinado a ela. Terá conseguido? Inebriada em mistérios, Marcela está presa entre a fuga esperançosa e o dever que lhe designa a Fortuna. Talvez seja esse um dos limites que marcam o lugar do nosso tempo.

REFERÊNCIA

“**acre**”. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha]. Lisboa: Priberam Informática, 2008-2013. Disponível em:<<https://dicionario.priberam.org/Acre>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

ZAPPI, Lucrecia. **Acre**. São Paulo: todavia, 2017.